

Subjetividade plural no mundo contemporâneo

Plural subjectivity in contemporary world

João Teixeira Lopes – APS

RESUMO

Baseado nos prolongamentos críticos de Bernard Lahire à teoria da prática de Pierre Boudieu, defende-se uma sociologia da complexidade disposicional e contextual, bem como a construção de dispositivos metodológicos capazes de captarem essa subjetividade plural em situação, os retratos sociológicos, aqui ilustrados através de duas pesquisas co-coordenadas pelo autor: uma sobre trajetórias de estudantes do ensino superior (de sucesso, insucesso e abandono) e outra sobre experiências femininas em cenas de música eletrônica de dança.

Palavras-chave: Sujeito. Disposições. Contextos. Retratos sociológicos.

ABSTRACT

Based on the prolonged critique of Bernard Lahire to the theory of Pierre Boudieu's practice, a sociology of the dispositional and contextual complexity is defended, as well as the construction of methodologic devices capable to capture this plural subjectivity in situation; the sociological portraits, illustrated here by two researches coordinated by the author: one on the track of students in higher education (success, unsuccess and desertion) and another on female experiences in electronic music and dance scenes.

Keywords: Subject. Dispositions. Contexts. Sociological portraits.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: EM VEZ DE DISPOSIÇÕES TRANSCONTEXTUAIS, UMA SOCIOLOGIA SITUADA

Um dos maiores problemas da teoria sociológica actual reside na tendência para a dissociação entre propostas teóricas, no sentido estrito de conceitos substantivos e de relações entre conceitos, e abordagens metodológicas e técnicas, enquanto organização crítica das práticas de pesquisa assentes na recolha, selecção e tratamento da informação. Outro dos recorrentes problemas centra-se na hiperbolização do trivial, esquecendo as grandes questões da teoria social (a permanência e a mudança; o lugar do sujeito e da acção; a articulação entre o material e o simbólico; etc.). Não se trata, é claro, de repisar chão gasto, mas sim de nunca considerar definitivamente resolvidos os parâmetros matriciais, sob pena de renunciarmos à cumulatividade reflexiva do conhecimento sociológico, resvalando, de novo, para um rococó epistemológico de detalhes eventualmente cintilantes, mas fracamente integrados no perpétuo diálogo que é a ciência.

Se adotarmos como postura o primado da interrogação sobre a resposta, nós, sociólogos, devemos ser aqueles e aquelas que jamais renunciam a fazer as perguntas mais difíceis.

Nessa linha, Bernard Lahire apresenta-nos uma grande teoria capaz de corresponder à pluralidade e complexidade contemporâneas. Na genealogia da teoria da prática, este autor francês desenvolveu uma série de pesquisas que lhe permitiram propor um programa assente no actor plural, exposto a princípios de socialização múltiplos, diferentemente actualizados ao longo do seu percurso e fortemente relacionado com os domínios de actividade, as situações e os contextos. Lahire chega a propor o abandono do conceito de *habitus*, substituindo-o pelo de *património individual de disposições*, onde se salientam, precisamente, repertórios de disposições, com géneses diferentes, graus de activação distintos e força diferenciada.

Pela minha parte, dou-me bastante bem com o conceito de *habitus*. Mas tenho proposto que ele seja visto, não como um colete de forças das práticas, à medida de uma uniformização alicerçada em cadeias de homologias (em que as posições sociais tendem a corresponder, num outro plano, às disposições e estas, por sua vez, às tomadas de posição), mas sim como um conceito fortemente heurístico: um *habitus plástico*, passível de se adaptar à diferenciação e complexidade das nossas formações sociais. Na verdade, amplo trabalho de pesquisa tem demonstrado que as disposições se transferem sob um determinado número de condições. Como já referimos, existem situações que as activam, mobilizando-as, enquanto que outras as adormecem ou inibem. As próprias disposições têm graus desiguais de robustez, em íntima articulação com a sua génese (o modo particular como num determinado individuo o processo de socialização – sempre plural, mais ou menos contraditório e accionado por múltiplos agentes, inclusive no próprio meio familiar – se exerceu).

Ao invés, então, de uma resposta mecânica ou de um ajustamento generalizado, avança-se a hipótese de um processo de adaptações tensas às situações estabelecendo ou não distâncias significativas entre os contextos de aquisição e os contextos de mobilização das práticas.

Importa, desde modo, perceber como cada indivíduo se desdobra em compromissos e metamorfoses múltiplas pelos diferentes domínios de acção. É neste âmbito que Lahire propõe os *retratos sociológicos* como um dispositivo metodológico. Nas suas próprias palavras:

Tive assim a oportunidade de implementar essa abordagem teórica e metodológica numa pesquisa empírica experimental, que consistia em trabalhar em profundidade uma série de estudos de casos (oito pessoas entrevistadas seis vezes e de forma prolongada sobre temas muito diferentes - escola, família, trabalho, amigos, lazeres e actividades culturais, desporto, alimentação, saúde, indumentária...) – para varrer os domínios de actividade e dimensões de existência suficientemente diversificados e para entrar no detalhe das variações intra-individuais pondo em causa as evidências sobre os mecanismos de transferibilidade das disposições (LAHIRE, no prelo).

EXEMPLOS DE DUAS PESQUISAS: OS ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR E AS MULHERES CLUBBERS

O retrato sociológico consiste, antes de mais, numa entrevista biográfica de cariz semi-directivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objectivo

primordial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos “mundos da vida” (para utilizar uma expressão tão cara à fenomenologia) onde habita, no mosaico das situações e quadros de interacção em que se move e compreender, ainda, que dessa plural circulação resultam stocks disposicionais variados.

Na sua obra *Portraits Sociologiques*, Lahire (2002) ensaiou o que o próprio apelidou de *sociologia experimental*, uma vez que lhe interessava comprovar a hipótese do actor plural:

reinterrogar as análises por grupos e por domínios de práticas (separados e autonomizados pelas necessidades de análise) que são mais frequentemente praticadas em sociologia (por exemplo, o estudo dos diferentes grupos sociais na sua relação com a leitura, arte, escola, etc.) para tentar ‘seguir’ os mesmos actores em diferentes situações da sua vida social (LAHIRE, no prelo).

Pela minha parte, nas pesquisas em que tenho utilizado este dispositivo, procurei fazê-lo de forma *aplicada*, isto é, subordinado a um problema de pesquisa direccionado, embora sem nunca deixar de retirar ilações substantivas para possíveis reconstruções da teoria social. No caso do projecto ETES (Os estudantes e as suas Trajectórias no Ensino Superior), coordenado por António Firmino da Costa (2009) e por mim próprio, procuramos resgatar *desigualdades de percurso* que permitissem ampliar as zonas de visibilidade já iluminadas pelas *desigualdades de acesso* e pelas *desigualdades de sucesso* no ensino superior.

Deste modo, os retratos permitiram dar conta, em simultâneo, das grandes *regularidades* sociológicas presentes nos percursos e opções dos estudantes, assim como das *contratendências*, das *contradições* e *excepções* correlativas à “regra sociológica” – e que são, elas próprias, constitutivas dos fenómenos sociais, logo, regras sociológicas plenamente constituídas...

Quadro 1 – Guião para retratos sociológicos, Pesquisa ETES

GUIÃO DE ENTREVISTA
Bloco A: Trajectória no Ensino Superior
A1. Descrição do percurso
A2. Tipo de percurso
A3. Integração escolar
A4. Modos de estudar
Bloco B: Outras Dimensões da Trajectória Social e Escolar
B1. Origens sociais
B2. Escolaridade anterior
B3. Trabalho
B4. Família e residência
B5. Sociabilidades e redes
Bloco C: Avaliações e Sugestões
C1. Avaliações do entrevistado sobre factores, causas, razões para o seu tipo de percurso no Ensino Superior
C2. Avaliações do entrevistado sobre a situação geral de sucesso/insucesso no Ensino Superior em Portugal
C3. Sugestões para o sucesso escolar no Ensino Superior

Como se pode verificar, para além da preocupação diacrónica (o percurso), o entrevistado é levado a pensar na sua trajectória de forma multifacetada, através do trânsito pelos vários agentes de socialização e domínios de existência: família, escola, trabalho, residência, redes de sociabilidade, etc. Desta forma, o actor expressará (em primeiro grau), continuidades e rupturas, transferências e especificidades entre as diferentes esferas, matéria que o investigador analisará (em segundo grau) para estabelecer as condições de transporte (ou fixação) das disposições, bem como mecanismos contextuais de activação e/ou inibição.

O bloco C da entrevista, como se depreende, tem por intenção despertar ainda mais a reflexividade do actor. O próprio processo de comparar domínios da experiência exerce esse apelo, a par da revisitação biográfica. A dignificação ontológica e epistemológica do sujeito levou-nos a pedir-lhe uma avaliação do seu próprio percurso. Sem esquecermos as distâncias que existem entre práticas declarativas e práticas efectivas, nem tão-pouco o afã objectivador e desocultador da sociologia, julgamos crucial, para uma *sociologia pública*, incorporar a perspectiva dos entrevistados no delinear de políticas de combate ao insucesso e ao abandono no ensino superior. Os actores sociais estão longe, assim o pensamos, do modelo sonâmbulo e passivo do *cultural dope*: reinterpretem activa e criticamente as condições objectivas de existência e os constrangimentos que pesam sobre a acção; elaboram estratégias e projectos dentro de um campo de possíveis. Em suma, a *situação de entrevista constitui-se, ela própria, num contexto de activação de competências reflexivas*, mormente quando o seu guião adopta a configuração de *retrato sociológico*.

Uma outra pesquisa por mim coordenada pretendeu analisar os contextos urbanos de música electrónica (*drum'n'bass*, *trance* e *techno*) enquanto fracções sub-culturais preferencialmente *underground*: espaços potencialmente privilegiados de experimentação de novas feminilidades (possibilidades de 'empoderamento' e de afirmação de uma agência feminina tendencialmente mais liberta de constrangimentos convencionais de base patriarcal).

Para o efeito, entre outras técnicas utilizadas no quadro de uma abordagem etnográfica, realizaram-se 16 entrevistas em profundidade, algumas prolongando-se por várias sessões, outras de intuito mais exploratório, outras, ainda, na fase final de trabalho de campo, com o intuito declarado de construir retratos sociológicos.

O seu guião pretendia operacionalizar várias dimensões: por um lado, descortinar possíveis transferências e intersecções entre disposições de género, de classe social e de etnia, evitando a homogeneização do conceito de mulher; por outro lado, estudar as construções de género implicadas nas estruturas internas das várias fracções das (sub)culturas *club*, em particular os papéis e expectativas de género inerentes, de um modo mais ou menos explícito, às próprias (sub)culturas; finalmente, analisar o trânsito e a transferência entre disposições anteriores ao *clubbing* (adquiridas no "meio social") e disposições incorporadas nos próprios contextos das subculturas de música electrónica que, por sua vez, poderiam interferir em contextos extra-clubbing e assim por diante. As feminilidades, em vez de serem deduzidas como um bloco homogéneo de certas propriedades sociais gerais, seriam indagadas através da intersecção entre os diferentes contextos da sua estruturação. O retrato sociológico seria, então, o *locus* metodológico dessa perscrutação, bem como um dispositivo de articulação entre uma análise sociológica (interpretação em *segundo grau*) da pluralidade de disposições e de contextos (de práticas) e uma narrativa em voz própria: polifonia feminina (interpretações em *primeiro grau*).

ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DE UM RETRATO

Para elucidar este ponto de cariz mais operativo, nada como apresentar (e dissecar) um retrato construído no âmbito do programa ETES:

Carolina Veloso (E20P): retrato sociológico

Realizada por João Teixeira Lopes

Carolina nas encruzilhadas: ser mulher, mãe, esposa e estudante no ensino superior

Carolina Veloso tem 29 anos e frequenta, praticamente contra tudo e conta todos, o 3º ano do curso de Psicologia da Universidade Lusíada, no Porto, após várias tentativas de ingresso. Carolina é casada e mãe de dois filhos (ele com 8 anos, ela com 4) e depara-se com graves conflitos no núcleo conjugal uma vez que o marido, gerente de um posto de abastecimento de gasolina, com o 12º ano incompleto, não partilha nem apoia o percurso e as opções de Carolina. Além do mais, a recente morte do padrasto (agente da PSP com o 12º ano), entusiasta da sua caminhada no ensino superior, deixou-a num processo ainda não superado de luto. Acresce, ainda, contra o percurso de Carolina, a desconfiança do círculo tradicional de amigos.

Insegura, Carolina Veloso tem tentado renovar a sua rede de amigos através da vivência universitária, adquirindo novas disposições e repertórios.

A seu favor conta com o apoio incondicional da mãe (licenciada em contabilidade) e de um tio próximo. Na encruzilhada, Carolina ambiciona ir mais longe e tirar o mestrado, mas teme pela quebra do vínculo conjugal.

Carolina Veloso tentou várias vezes, sem sucesso, ingressar no ensino superior (“eu já tive várias tentativas, mas esta é a primeira experiência, mas chegava a altura dos exames nacionais e acabava por desistir, não entrava na sala...Andei anos sempre a tentar”). A persistência produz os seus efeitos e acaba por entrar no curso de Psicologia da Universidade Lusíada, no Porto.

A atracção pela Psicologia encontra-se relacionada, de acordo com as suas representações discursivas, com o gosto pelo estudo do comportamento infantil e, paradoxalmente, pela análise do comportamento desviante: *“uma forma de transmitir aquilo que possa ter passado, e eu gosto mais das crianças, para que elas sigam um caminho diferente... sempre tive uma curiosidade pelos presos. Sei que não tem nada a ver, mas sempre tive uma curiosidade com os presos”*. Nas entrelinhas, percebe-se um latente e permanente auto-questionamento, no vaivém de pensamentos contraditórios exaltados pela própria situação de entrevista.

O percurso anterior ao ensino superior fora já marcado por algumas dificuldades: uma prejudicial mudança de escola e a gravidez do primeiro filho: *“sim, fiz sempre tudo direitinho, inicialmente em Matosinhos já tinha repetido um ano, mas quando entrei aqui no Infante, levei tudo seguido. Falhei e acabei por sair daqui do Infante, o que foi uma asneira muito grande. Depois também interiorizei aquela coisa...o preconceito de, olha vou agora grávida para a escola, não tem sentido nenhum”*.

Entretanto, a entrada no ensino superior levanta dificuldades adicionais. O marido, com o 12º ano incompleto e gerente de um posto de abastecimento de gasolina, passa de aliado

a adversário, revelando uma ostensiva atitude de falta de apoio: *“pois, inicialmente ate era o meu marido...não sei...não quer dizer que seja por mal, mas também acho que como ele não tem ensino superior, não acabou o 12º ano, acho que já há ali...algo que ainda não está bem resolvido, e especialmente agora que estou no 3º ano, estou a sentir...já não estou a sentir tanto apoio, como realmente estou a conseguir e como vou chegar ao fim e ficar licenciada. Há ali uma grande diferença, entre eu estar licenciada e ser a mulher, e ele ser o homem e não estar licenciado”*.

A discriminação de género obriga-a, além do mais, a um sobreesforço e à tentativa, sempre tensa, de conciliação entre os estudos, o papel de mulher, de mãe e de dona de casa: *“é preciso fazer de tudo...é tê-los ao colo, é roupa lavada, passada e arrumada, que é para a gente poder saber o que vestir, o que usar e saber que às segunda, terças e quintas um tem ginástica e o outro só tem à segunda, por isso naquele dia tem que levar fato de treino...quer dizer, está tudo, organizado...se falha alguma coisa, é mau...porque eu descontrolo-me e depois já começo a achar que já não vou ser capaz, que não vou ter tempo”*.

Entretanto, dia após dia agrava-se a qualidade do vínculo conjugal: *“muitas vezes entra e sai de casa e não há conversa, conversamos sobre muitas coisas, mas sobre a faculdade, não há conversa nenhuma e isso magoa-me um bocado porque eu estou a fazer um esforço tremendo. Chega a casa e está cansado porque estive a trabalhar, e eu não estou cansada porque fui para a escola e portanto não estou cansada...”*.

Agrava a situação o recente falecimento do padrasto, agente da PSP com o 12º ano, chegado à família quando Carolina tinha apenas nove anos e que substituiu pelos seu afecto e dedicação, apesar das dificuldades sentidas, o afastamento do pai biológico. No padrasto, Carolina encontra uma âncora segura e um forte apoio, nomeadamente no que respeita às suas opções de prossecução de um curso superior (*“... ele vinha para a baixa do Porto, quando eram os cortejos e isso tudo e lembro-me de ele comentar que quando fosse a minha vez, também havia de lá estar... [Pausa – Choro]”*). Mas a perda é ainda vivida como irreparável: *“estamos numa linha e de repente... é como uma ponte... a ponte caiu e agora para onde é que eu vou, parece que a gente fica ali, bloqueada., nem sabe se há-de voltar para trás, se percorre outro caminho... ou percurso”*.

Do núcleo tradicional de amigos, ligado ao seu casamento e à pertença, desde os tempos da juventude, a um rancho folclórico, Carolina também recebe sinais depreciativos. *“agora sou casada, e já tenho um filho... e já tenho outro... e parece que estava a acreditar no que algumas pessoas me iam dizendo – vai mas é trabalhar para outro lado....”*.

Estas marcas negativas são todavia contrabalançadas pelo apoio de um tio próximo e particularmente pelo suporte afectivo e material da mãe, licenciada em contabilidade e empregada numa loja de artigos para casamentos. Ainda assim, Carolina não se poupa a esforços. Vende o carro, economiza, trabalha e obtém o apoio social escolar.

Entretanto, a Universidade revela-se como uma fonte de novas sociabilidades, parcialmente substitutivas da rede tradicional e com atitude claramente favorável ao seu prosseguimento de estudos, mesmo quando se detectam traços de individualismo e competitividade (*“no ambiente geral, as pessoas não se ajudam [risos]. É o salve-se quem puder”*). Geram-se novas intimidades: *“sim, encontrei novos amigos. Amigos mesmo, acho que sim! E valorizavam...depois de saberem por outras conversas que era casada e tinha dois*

filhos, eles valorizam o facto do esforço, e dizem – nem sei como tu consegues estar aqui e... – pronto, são diferentes. Sim, tenho contacto para além das aulas, temos jantares, um ou outro, frequento a casa...”

As novas redes diversificam as saídas conviviais, juntando-se à permanência no rancho folclórico e ao tempo passado com o marido (vende DVD's em casa, indo duas vezes por mês ao cinema, cozinhando por gosto), apesar de não renunciar a uma ocupação propriamente pessoal dos tempos livres, quer pela leitura (que reserva para os espaços-tempo da Universidade), quer pela fotografia artística, quer ainda pela escuta permanente de música.

Novamente na encruzilhada, Carolina pondera prosseguir para além do actual 3º ano e ingressar no mestrado já formatado pelo processo de Bolonha. Mas tem de pensar e medir. Por vezes, parece que a decisão já está tomada. Outras vezes, hesita: *“uma licenciatura, ele já interiorizou, porque também é uma licenciatura só de três anos também, o que é que é isso?! Mas o mestrado, já é diferente, já é.... Mas eu é que tenho que interiorizar isto, porque a relação se tiver que quebrar... vou fazer para não... para que não aconteça... mas também é como eu às vezes digo, se tiver que acontecer é porque é o melhor”*.

Vejamos, então, uma por uma, as fases de elaboração deste dispositivo:

1. Formulação de um guião de entrevista semi-directiva de cariz biográfico, adequado aos objectivos da pesquisa em concreto, mas contendo, obrigatoriamente, questionamentos sobre o posicionamento do actor em várias esferas da vida, domínios de actividade, papéis sociais, contextos e quadros de interacção.
2. Realização de duas a três sessões de entrevista, preferencialmente afastadas temporalmente umas das outras por um período de dias ou de uma semana, de modo a permitir ao entrevistador e ao entrevistado acréscimos de reflexividade.
3. Transcrever as entrevistas, seguindo as regras clássicas para o efeito.
4. Editar as entrevistas, transformando-as num discurso na 1ª pessoa do entrevistado, fluido e corrente, como se de uma narrativa se tratasse, sem considerar silêncios, interjeições, etc., nem tão-pouco as questões e interferências do entrevistador. Almeja-se com esta construção, um pouco à semelhança de *Os Filhos de Sánchez*, de Óscar Lewis, resgatar a cadência biográfica do relato.
5. Num vaivém entre recursos teóricos e material empírico, constrói-se o retrato. Este, como se depreende pelo exemplo apresentado, não é meramente descritivo, ganhando um pendor interpretativo, embora sem a análise “pesada” que será remetida para outra instância.
6. Cada retrato deverá, na opinião de António Firmino da Costa e de mim próprio, conter um título, onde se realce o fio condutor interpretativo do relato; um conjunto de parágrafos (no exemplo dado aparecem a *bold*) capaz de funcionar como resumo do percurso e, por fim, um corpo mais detalhado. Trata-se, na verdade de três possibilidades de leitura complementares da série de retratos: pelo título (ultra-rápida), pelo resumo (rápida), pelo corpo principal (mais demorada).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MÉTODO OU TÉCNICA?

O retrato sociológico pode então ser considerado como um dispositivo técnico ao serviço de uma teoria da prática assente na génese plural e contextual das disposições. Mas, mais do que isso, trata-se, na verdade, de uma abordagem metodológica, que pode ser utilizada de forma *experimental* (como Lahire faz em *Portraits Sociologiques* – 2002) ou aplicada (caso de *La Culture des Individus* – 2004) ou dos exemplos de pesquisas que aqui foram explorados.

Assim, enquanto organização crítica das práticas de pesquisa, os retratos não obrigam a uma exclusividade em termos da sua estrita aplicação: enquanto metodologia eclética respeitam o cariz relacional do objecto de estudo, suscitando, por conseguinte, a aplicação de uma vasta panóplia de técnicas que, no entanto, respeitem os objectivos de potenciar a reflexividade do actor e de resgatar a pluralidade intrínseca das práticas a uma escala individual. De igual modo, o enfoque poderá ser mais *extensivo*, caso do estudo ETES, onde se construíram 170 retratos (obedecendo a uma amostra estratificada por quotas, preenchidas através do accionamento, em simultâneo, de várias bolas de neve) ou mais *intensiva*, caso do projecto *clubbers*, em que os retratos surgem, por isso, muito mais desenvolvidos e complementados por uma abordagem etnográfica. Nem só de *retratos* (técnicas) se faz o método dos *retratos sociológicos*...¹.

O indivíduo, corpo socializado e socializador, reflecte no seu percurso a arquitectura invisível das forças sociais, desenvolvendo modos de relação consigo próprio e com os contextos e situações onde se move. Essa forma de produção de si incorpora os mais pesados constrangimentos sociais e nada deve às teorias encantadas e ilusórias do livre-arbítrio. Lahire refere-se a este processo como sendo o da constituição das pregas singulares do social, advogando a autonomia e a pertinência complementares de uma escala de observação e de um nível de análise que os sociólogos não podem abandonar, sob pena de se tornarem analiticamente míopes.

REFERÊNCIAS

COSTA, António Firmino da; LOPES, João Teixeira. **Os estudantes e os seus trajectos no Ensino Superior**. 2009. Disponível em: <<http://www.etes.cies.iscte.pt/equipa.html>>. Acesso em: 7 maio 2011.

LAHIRE, Bernard. **La culture des individus: dissonances culturelles et distinction de soi**. Paris: Éditions la Découverte, 2004.

_____. **Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles**. Paris: Nathan, 2002.

_____. Prefácio. In: LOPES, João Teixeira (Coord.). **Registos do actor plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa**. Porto: Afrontamento. No prelo.

¹ Esta classificação resulta de uma perspectiva pessoal em nada responsabiliza Bernard Lahire.